

Santa Bárbara de Padrões

Fragmentos da Memória

FICHA TÉCNICA

Título

Santa Bárbara de Padrões - Fragmentos da Memória

Edição

Junta de Freguesia de Santa Bárbara de Padrões

Coordenação

Miguel Rego

Textos

Miguel Rego

João Matos / INETI

Samuel Melro / IPA

Lúcia Rosas

Joaquim Oliveira Caetano

Rita Alcazar / LPN

Raquel Lopes / LPN

Nuno Sarmento / LPN

Design e Maquetagem

design@100luz.pt - 100LUZ, Lda

Tiragem

500 exemplares

Impressão

Greca - Artes Gráficas

Depósito legal

261055/07

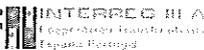
ISBN

978-972-99886-4-6

1ª Edição - 2007

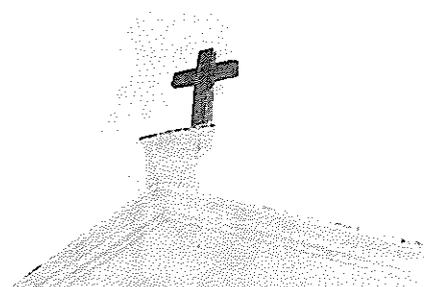
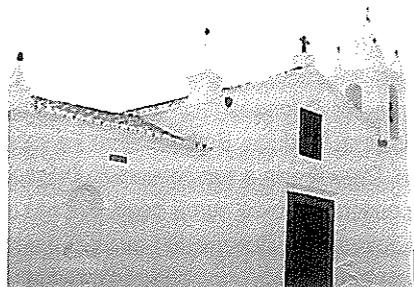
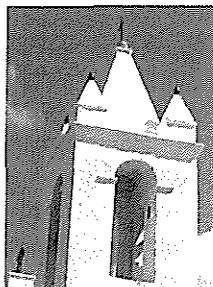


Portugal-Espanha
Cooperação Transfronteiriça
INTERREG III A



Santa Bárbara de Padrões - Culto à Santa

Lúcia Maria Cardoso Rosas*



Segundo os hagiógrafos, o culto a Santa Bárbara terá nascido no Oriente tendo-se difundido pelo Ocidente até ao século XV, principalmente na Alemanha onde Bárbara é incluída entre os *Catorze Auxiliadores*, acompanhada por Santa Catarina, Santa Margarida, São Jorge, São Brás, São Pantaleão, Santo Erasmo, São Vito, São Cristovão, São Dinis, São Ciriaco, Santo Acácio, Santo Egídio e Santo Eustáquio. A devoção dos *Catorze Santos Auxiliadores*, relacionada com a protecção às doenças, teve como foco originário o mosteiro feminino de Dominicanas de Ragensburg, estendendo-se por toda a Europa, com especial incidência na Itália, Suécia e Hungria¹.

Contudo o culto a Santa Bárbara, celebrado a 4 de Dezembro e eliminado no Missal Romano Actual², é desde cedo registado em França, na região da Normandia onde o priorado de Sainte Barbe em Auge atesta o culto à santa em 1128, e na Borgonha, na capela de Saint Barbe em Fouet³. Em Itália as cidade de Ferrara, Guastalla e Mântua estão sob a protecção de Santa Bárbara.

Santa Bárbara foi padroeira do mosteiro de Edessa, logo no século IV e orago de uma basílica construída no Cairo por cristãos coptas, no século VII. Apesar de o seu culto, na Europa ocidental adquirir popularidade principalmente no final da Idade Média, a imagem de Santa Bárbara foi representada no século VIII, num pilar da igreja romana de Santa Maria l'Antiqua, acompanhada de um pavão real, símbolo da imortalidade.

* Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

1•Crf. MARTINS, Fausto Sanches – *Os Santos protectores à luz da hagiologia. Separata da Revista Museu*. Porto: Circulo Dr. José de Figueiredo, IV Série – n.º 9, 2000, pp.182-192.

2•Crf. MARTINS, Fausto Sanches – *Os Santos protectores à luz da hagiologia. Separata da Revista Museu*. Porto: Circulo Dr. José de Figueiredo, IV Série – n.º 9, 2000, p. 183.

3•Crf. RÉAU, Louis – *Iconografia del Arte Cristiano. Iconografia de los Santos*. Tomo 2, vol. 3, Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, p. 170. (Edição original em língua francesa de 1957).

A lenda do martírio de Santa Bárbara foi compilada por Simão de Metafrasto no século X, embora seja já referida no *Martyrologium Romanum Parvum* (c. 700)⁴ e em vários martirológios compostos na Europa ocidental durante o século IX. A lenda foi novamente reescrita, no século XIII, por Jacopo da Varazze na *Legenda Aurea*⁵.



Bárbara terá nascido na Nicomedia, junto ao mar da Mária, filha do sátrapa Dióscuro que a enclausurou numa torre iluminada somente por duas janelas, para evitar que fosse influenciada pelo cristianismo e se convertesse. Engenhosamente Bárbara conseguiu ser educada segundo os preceitos cristãos por um sacerdote, enviado por Orígenes, que a batizou. Para expressar a sua fé na Santíssima Trindade, Bárbara abriu na parede da torre uma terceira janela. Descoberta a sua conversão Dióscoro ameaçou Bárbara que fugiu escondendo-se numa fraga. A fraga abriu-se milagrosamente, para a proteger. Denunciada por um pastor foi presa, negando-se então a renunciar ao cristianismo e a casar com um pagão. Entregue ao juiz Marciano sofreu uma série de tormentos tendo sido levada para o cume de uma montanha onde o pai a decapitou. Dióscoro foi fulminado por um raio tão violentamente, que nem as suas cinzas restaram.

Santa Bárbara será padroeira tanto na protecção contra os raios, trovoadas, tempestades, incêndios e a morte súbita, como santa padroeira de várias corporações e ofícios.

Uma das capacidades mais populares de Santa Bárbara era a de proteger contra o raio, já que o seu pai, depois de a matar foi fulminado pelo *fogo do céu*. Era frequente estarem os campanários das igrejas sob a sua protecção, e os próprios sinos apresentarem

inscrição com o seu nome. Como é sabido, em ocasião de trovoadas recorria-se ao repicar dos sinos como forma de afastar a tempestade, embora esta prática não estivesse necessariamente em relação com o culto da Santa. No Entre-Douro-e-Minho, em Trás-os-Montes, Ribatejo e Alentejo tocava-se o sino da igreja ou campainhas bentas quando trovejava. Em testamento da Misericórdia de Elvas datado de 1766 regista-se: "deixo à dita Jacinta a minha campainha dos trovoens; e todas as demais relíquias que estão na canastinha"⁶.

4•KIRSCH, J. P. – S. iv. *Saint Barbara. The Catholic Encyclopedia*. Vol. II, 1907; Online Edition Copyright 2003 by K. Knight.

5•VORAGINE, Santiago de la – *La Legenda dorada*. Vol. 2, Madrid: Alianza Editorial, 1997, pp. 896- 903.

6•ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *Carácter mágico do toque das campainhas. Apotropaicidade do som*. "Revista de Etnografia", vol. VI, tomo 2, Porto: Museu de Etnografia e História, 1966, p. 351.

O mesmo se passa em várias regiões de Espanha e de Itália onde, como em Portugal, a prática de tocar os sinos era acompanhada ou substituída por bater fortemente em metais. Os metais têm uma virtude amulética e provocar ruído é uma forma de afugentar as coisas más. Daí que o toque de sinos e campainhas tenha uma função apotropaica.

O toque dos sinos em capela dedicada a Santa Bárbara, ocorria logo que a atmosfera se tornava pesada, antes de serem ouvidos os trovões, e não parava de tocar enquanto a trovoadas não terminasse como é registado em meados do século XX em Penedono (Viseu)⁷. Como Santa Bárbara protegia do raio também se considerava que protegia da morte súbita ou seja, da morte sem confissão nem comunhão, medo particularmente temido. Considera Réau que neste sentido Santa Bárbara estava incluída na categoria dos santos eucarísticos. Este patrocínio corresponde a uma crença muito arraigada nos finais da Idade Média e é uma das razões principais da popularidade da Santa que a reparte com São Cristovão, igualmente evocado contra a morte súbita⁸. Pela mesma razão Bárbara será a padroeira do sagrado viático, sacramento da eucaristia dado aos moribundos para a viagem depois da morte (do latim, "provisão para o caminho")⁹.

No século XV Santa Bárbara converte-se em patrona dos artilheiros uma vez que estes estavam expostos a explosões acidentais, assim como dos fabricantes de pólvora, arcabuzeiros e todos quantos lidavam com armas de fogo. Santa-Bárbara corresponde à designação do lugar do navio onde estão guardadas a pólvora e as munições de artilharia¹⁰.

É também padroeira dos mineiros e canteiros, pelas mesmas razões ou pelo facto de se ter escondido numa fraga que se abriu para a receber. São muitas as minas, nos países europeus, que tomaram o seu nome. A título de exemplo, no caso de Portugal, referimos as minas de volfrâmio e estanho na freguesia de S. Salvador, concelho de Vila Real e quatro das minas de estanho e titânio em Nave de Haver, concelho de Almeida¹¹.

Os mineiros da região de Bragança¹², na festa que realizavam em honra de Santa Bárbara, mandavam cantar-lhe missa, durante a qual disparavam tiros e lançavam foguetes, na igreja e no cemitério. Por extensão, os operários que perfuram os poços de petróleo também adoptaram a santa como padroeira¹³.

7•ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *Carácter mágico do toque das campainhas. Apotropaicidade do som*. "Revista de Etnografia", vol. VI, tomo 2, Porto: Museu de Etnografia e História, 1966, p. 351.

8•RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos*. Tomo 2, vol. 3, Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, p. 172. (Edição original em língua francesa de 1957).

9•S.Jv. *Viático. Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1999.

10•S.Iv. *Santa-Bárbara. Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. vol. XXVII, Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, s.d.. Cfr. S.Iv. *Viatucum. The Catholic Encyclopedia*, Volume XV. Copyright © 1912 by Robert Appleton Company, Online Edition Copyright © 2003 by K. Knight.

11•S.Iv. *Santa Bárbara. Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. vol. XXVII, Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, s.d..

12•ALVES, Francisco Manuel, Abade de Baçal – *Bragança. Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Vol. XI – *Arqueologia e Etnografia*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança/Instituto Português de Museus- Museu do Abade de Baçal, p. 85.

13•RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos*. Tomo 2, vol. 3, Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, p. 172. (Edição original em língua francesa de 1957).

Sineiros e fabricantes de sinos também recorrem ao seu patrocínio pela razão acima apontada relativa à prática de repicar os sinos durante as trovoadas. A torre onde foi encerrada e a sua representação terá dado origem a que se tornasse padroeira dos arquitectos, construtores, fabricantes de telhas e azulejos, assim como dos prisioneiros. Santa Bárbara é ainda, padroeira dos geólogos, engenheiros militares e, devido a um jogo de palavras com o seu nome, dos fabricantes de escovas e tapetes, aludindo às barbas de cabra utilizados na confecção de escovas.

Dos atributos de Santa Bárbara fazem parte a palma e a coroa do martírio, e a torre com três janelas. Da sua iconografia, enquanto figura isolada, consta também a figura do pai, aos seu pés, um canhão ou bala de canhão e um cálice rematado por uma hóstia. Conforme à sua lenda a santa é representada em vários ciclos narrativos. Os mais frequentes são: *Santa Bárbara presa na torre*, *A fuga de Santa Bárbara*, *O castigo do pastor que a denunciou* e os vários martírios¹⁴.



A iconografia de Santa Bárbara é muito rica, uma vez que deriva tanto da sua lenda, como dos variados perigos contra os quais é evocada, bem como das profissões que protege. Se a lenda faz de Santa Bárbara advogada de perigos e de ofícios, também a sua iconografia é, ela própria, geradora de patrocínios, o que constitui desde logo um fenómeno a analisar.

A articulação do formal e do temático na imagem está no cerne da prática iconográfica, porque existe uma sintática própria da imagem que funciona nos códigos simbólicos. A relação entre a imagem e o texto é complexa e não é unilateral, os textos não são as únicas fontes na criação das imagens. Na verdade a imagem surge como um arranjo singular de motivos e de temas. Os processos formais também participam na produção do sentido da imagem¹⁵.

14•RÉAU, Louis – *Iconografia del Arte Cristiano. Iconografia de los Santos*. Tomo 2, vol. 3, Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, pp. 176-178. (Edição original em língua francesa de 1957).

15•Cfr.FAURE, Philippe - *Approche de l'image médiévale*. A.P.H.G. Régionale Centre: <http://erra.club.fr/APHG-Centre/conference-president-faure>.

Como dissemos acima, um dos atributos de Santa Bárbara é uma bala de canhão. Este atributo não decorre directamente da lenda, mas da protecção da santa aos artilheiros que, por sua vez nasce da sua capacidade de proteger contra o raio, ideia que se expande, essa sim, do episódio da lenda em que o pai foi castigado. O facto de, por vezes, Santa Bárbara ser representada com um bala de canhão na mão, gerou outro patrocínio. A bala facilmente se confundiu com uma pequena bola, transformando-se a santa em padroeira dos fabricantes de bolas e de raquetes¹⁶.

Esta teia complexa de ligações entre a lenda a iconografia e a devoção, não necessariamente por esta ordem como vimos, é abordada por P. Faure, quando refere que a relação texto-imagem ou verbal-figurativo deve ser entendida como uma articulação complexa, uma imbrincação daquilo que é formal e daquilo que é temático¹⁷.

Numa breve pesquisa¹⁸, que deverá ser desenvolvida em investigação posterior, analisámos a existência de vinte e nove capelas dedicadas a Santa Bárbara, no território nacional continental. No distrito de Vila Real registamos sete capelas, no distrito de Viseu, oito, no distrito da Guarda, sete, no distrito de Bragança, duas, no distrito de Braga, uma, no distrito de Aveiro, duas e nos distritos de Beja e Braga, uma. Estas indicações, seguramente muito incompletas permitem, no entanto, esboçar tendências na escolha do local de implantação. A maior parte dos exemplares encontra-se implantada em local isolado, algo distante da povoação, em pontos elevados que permitem uma ampla visão do território circundante.

Este tipo de localização é, no entanto comum a capelas e ermidas dedicadas a vários santos ou a Nossa Senhora. São locais de “deslumbramento paisagístico que favorecem o numinoso, facilitam a possibilidade de hierofanias e podem predispor para o sagrado”¹⁹.

A motivação da construção de pequenas capelas e ermidas está habitualmente associada não somente à prática da vida eremítica, mas mais nuclearmente à devoção e aos itinerários de santidade. Construídas habitualmente em locais ermos implantam-se com frequência nos limites das paróquias como pólos devocionais das populações circundantes²⁰ dominando paisagens deslumbrantes. W. Christian referiu-se aos “dramatic sites of landscape”²¹, maximamente preferidos para a localização de capelas.

.....
16•RÉAU, Louis – *Iconografia del Arte Cristiano. Iconografia de los Santos*. Tomo 2, vol. 3, Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, p. 175. (Edição original em língua francesa de 1957).

17•Cfr.FAURE, Philippe - *Approche de l'image médiévale*. A.P.H.G. Régionale Centre: <http://terra.club.fr/APHG-Centre/conference-president-faure>.

18•Como ponto de partida para uma análise das capelas dedicadas a Santa Bárbara consultámos o site da D.G.E.M.N.: www.monumentos.pt, e a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, s./d.e o trabalho que realizámos no âmbito da Candidatura do Douro a Património Mundial: AA.VV. *Plano Intermunicipal de Ordenamento do Território – Alto Douro Vinhateiro*. Vila Real: UTAD/PIOT, 2001.

A consulta da obra de Francisco Xavier da Serra Craesbeeck: *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho no ano de 1726*, 2 vols. Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto, 1992 e uma breve passagem pelas *Memórias Paroquiais* já publicadas bem como pelas seguintes obras: BAPTISTA, João Maria – *Chorographia Moderna do Reino de Portugal*, 1874-1875, BRONSEVAL, Claude de – *Peregrinatio Hispanica*: 1531-1533. 2 vols., Paris, P.U.F., 1972, BARROS, João de – *Geografia de Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes*. Porto, 1919 [1549]. CÂMARA, Paulo Perestrello da - *Diccionario Geographico Historico Politico e Litterario do Reino de Portugal e seus dominios*. Rio de Janeiro, 1850, CASTRO, João Baulista de – *Mapa de Portugal Antigo e Moderno*. 6 vols., Lisboa, , COSTA, P. António Carvalho da – *Corografia Portuguesa*. 1708, permitiu-nos avaliar que um trabalho sobre o culto a Santa Bárbara em Portugal corresponde a uma longa investigação. Desta forma restringimos a amostragem a capelas que ainda hoje existem, tendo Santa Bárbara como orago, notando que os resultados que apresentamos são apenas um esboço deste tema.

19•ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Religiosidade Popular e Ermidas*.“Studium Generale. Estudos Contemporâneos. Religiosidade Popular”. Porto n.º 6, 1984, p. 78. Neste estudo o autor refere-se à razão da preferência por ermidas para vivências religiosas de romaria e promessa, e à sua localização em lugar escolhido por ser ameno, por ser dominante ou por ser espaço invulgar.

Referindo-se aos montes sacralizados, Carlos Alberto Ferreira de Almeida aponta como os locais mais favorecidos pelos romeiros “aqueles que apresentam penedos de formas ou posições insólitas, lapas ou fontes, verdeiros e avoredos, porque isso permite um peculiar sistema de acções e itinerários e, porque o homem tem uma necessidade fundamental de significados, tornam a imaginabilidade desse local muito rica, até pelas lendas etiológicas que se lhe associam, permitindo um conjunto de vivências que os possam unir a esse ambiente”²².

As razões pelas quais se preferem, para vivência religiosas de romarias e promessas as capelas ou ermidas às igrejas paroquiais terão de ser muito complexas, como nos indica C. A. Ferreira de Almeida.

Santa Bárbara é na verdade, e do que podemos apurar, um orago muito pouco frequente, em Portugal, no que se refere a igrejas paroquiais. Santa Bárbara de Nexe, no concelho de Faro e Santa Bárbara de Padrões, no concelho de Castro Verde, são as duas freguesias que registámos, no território continental, colocadas sob a sua protecção.

Haverá certamente muitos altares laterais dedicados a esta santa, mas os seus patrocínios e devoções *necessitam* de capelas de algum modo afastadas dos povoados, até porque a protecção contra os prejuízos agrícolas provocados pelas trovoadas obriga a que dominem o ager. No entanto, como vimos, Santa Bárbara congrega uma tão vasta amplitude de protecções, que os locais de implantação das suas capelas terão de ser analisados nessa complexidade.

A variedade dos locais de implantação de capelas é, em si mesma, um rico testemunho das mudanças históricas do povoamento e das suas condições económicas. Situadas ora em pontos altos, sobranceiros às paróquias e aos vales ou cursos de água, em locais de deslumbramento paisagístico que favorecem a possibilidade de manifestações do sagrado, protegendo as povoações e os cultivos, ora implantadas em cruzamentos de velhos caminhos, consagrando lugares de muita passagem ou mesmo dentro dos povoados axializando, como os calvários, os seus caminhos sacrais, estes locais de devoção são, além de testemunhos de excelência no conhecimento da antropologia do sagrado e na fundura das suas raízes, elementos de grande significado na coesão da vida das comunidades.

Estas capelas asseguram a protecção nas doenças, partos, guerras, quedas, naufrágios, gado perdido, boas colheitas, pestes dos produtos agrícolas, etc.. A própria distância em que habitam os romeiros que aí acorrem favorece a devoção já que o caminho que percorrem até à capela constitui, em si mesmo, uma forma de peregrinar para pedir ou agradecer a graça concedida.

.....
20•Sobre esta questão veja-se Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Religiosidade Popular e Ermidas*, “Studium Generale. Estudos Contemporâneos. Religiosidade Popular”, Porto n.º 6, 1984, pp. 75-83.

21•CHRISTIAN, W. - *Local Religion in Sixteenth-Century Spain*. New Jersey, 1981, p. 22.

22•ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Religiosidade Popular e Ermidas*, “Studium Generale. Estudos Contemporâneos. Religiosidade Popular”, Porto n.º 6, 1984, p. 79.

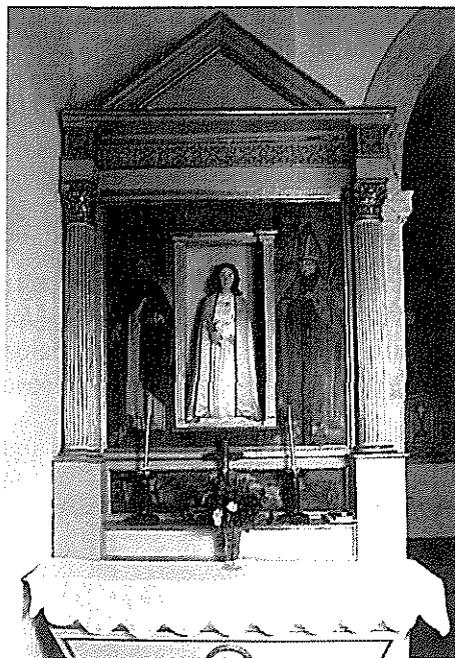
A maioria das capelas devocionais situadas fora dos povoados são, actualmente de evocação mariana embora, por vezes, tenham substituído evocações de santos de culto mais arcaico. Este fenómeno é comum ao longo da Época Moderna e da Época Contemporânea em todo o território.

Cabe agora registar os vários tipos de locais de implantação das capelas dedicadas a Santa Bárbara. Situadas habitualmente em pontos altos, afastadas dos povoados há contudo algumas variantes na localização destas capelas. Embora a pesquisa que efectuámos não permita ainda resultados concludentes, parece-nos que além dos locais habituais das capelas de devoção que acima indicámos, é detectável, no caso das capelas de Santa Bárbara um tendência para que a sua implantação se situe junto dos cemitérios ou nos caminhos que aí acedem. Esta implantação deverá estar relacionada com protecção de Santa Bárbara contra a morte súbita e com o facto de, pela mesma razão, Bárbara ser padroeira do sagrado Viático.

Orago das capelas de cemitério é também, desde a Idade Média, S. Miguel Arcanjo. Esta dedicação ocorre do facto de S. Miguel ser um santo psicopompo ou seja, um santo que conduz os mortos cujas almas pesará no Juízo Final²³. Esta questão dos patronos das capelas de cemitérios terá de ser enquadrada em análise muito mais fina, e no contexto da alteração dos locais dos cemitérios nos últimos anos do século XIX e mesmo durante o século XX.

A capela de Santa Bárbara em Armamar (Armamar, Viseu) situa-se no cimo de colina, isolada e sobranceira ao cemitério. Esta capela regista na fachada a data de 1721. Em Lazarim (Lamego, Viseu) a capela de Santa Bárbara datada de 1897, também está junto ao cemitério, o mesmo acontecendo na Folgosa (Armamar, Viseu) e em Tabuaço (Tabuaço, Viseu). No caso de Vilar Formoso (Ameida, Guarda) a capela está isolada num terreiro entre o núcleo mais antigo da malha urbana, na via de acesso ao cemitério. Na freguesia de S. Pedro de Nogueira (Nogueira, Vila Real), povoado implantado em planalto situa-se em, em lugar alto, no actual cemitério, a capela dedicada a Santa Bárbara.

No cimo de um outeiro dominando a paisagem circundante situa-se a capela de Santa Bárbara de Távora (Tabuaço, Viseu), em encosta voltada ao rio Cabril, a capela da mesma evocação de Bilhó (Mondim de Basto, Vila Real), no cimo de um .



Altar a Santa Bárbara

.....
23•Cfr. RÉAU, Louis – *Iconografia del Arte Cristiano. Iconografia de la Bíblia. Antiguo Testamento. Tomo 1, vol. 1*, Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, p. 67-74. (Edição original em língua francesa de 1957).

pequeno monte, designado de Santa Bárbara, sobranceiro a Favaios (Alijó, Vila Real), situa-se a capela dedicada à mesma Santa. No topo de um outeiro que domina campos de cultivo, ergue-se a capela de Santa Bárbara de Cerva (Ribeira de Pena, Vila Real). Com situação semelhante em lugar designado outeiro de Santa Bárbara, que domina a freguesia de Vale de Madeira (Pinhel, Guarda) está a capela dedicada à mesma santa. Também em Poiares (Freixo de Espada-à-Cinta, Bragança) a capela de Santa Bárbara está no topo de um outeiro. A ermida de Santa Bárbara (São Teotónio, Odemira, Beja) está em local isolado, no topo de uma colina. A capela de Santa Bárbara em Agadão (Águeda, Aveiro) também em local, domina terrenos de cultivo. A de Pedraça (Cabeceiras de Basto, Braga) situa-se na encosta voltada ao rio de Ouro.

No extremo das povoações situam-se as capelas de Santa Bárbara de Vila Verde (Alijó, Vila Real) e de S. Martinho de Anta, Sabrosa, Vila Real) e de Vale da Figueira (S. João da Pesqueira, Viseu). Rodeada de casas e quintais em encosta sobranceira ao rio Mosqueiro, situa-se a Capela de Santa Bárbara também designada como Capela de Rio Mau (Cerva, Ribeira de Pena, Vila Real). Também no centro do povoado se localiza a capela de Santa Bárbara (Pena Verde, Aguiar da Beira,

Guarda). Na confluência de caminhos vicinais, foi construída a capela de Santa Bárbara em Almofala (Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda).

A capela de Santa Bárbara (Felgar, Torre de Moncorvo, Bragança) que terá sido construída no século XVIII tem uma implantação especialmente significativa, uma vez que se foi erguida sobre um escorial ou seja, uma colina artificial constituída por restos de escórias de fundição.

Creemos ter deixado claro, quanto o culto e a devoção a Santa Bárbara necessitam de amplas sondagens.

